

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

CAMPINA, UM FILME DE PROCESSO

Rodrigo José Correia
Mestrando PPG Artes - UFPA

Introdução:

Às margens da baía do guajará, o bairro da Campina, ou do Comércio, como também é conhecido, foi criado no período colonial e é o segundo bairro mais antigo de Belém, ficando atrás apenas do bairro da Cidade Velha. Sua característica comercial se mantém desde o século XIX, onde durante muito tempo se comercializou as drogas do sertão e até hoje se comercializam produtos provenientes da floresta, tais como a castanha do Pará, ervas e especiarias, é símbolo da expansão econômica na cidade durante o ciclo da borracha, e durante muito tempo foi uma das poucas portas de entrada oficiais na região.

A praça das Mercês é outro lugar que despertou a atenção, no meio da praça há erguido um grande e imponente monumento do que me parece ser concreto e que pode ser facilmente visto de todos os ângulos da praça no monumento há duas figuras humanas, um homem careca e barbudo em pé, no topo do monumento, vestido de forma "elegante" e a outra abaixo dele, um homem forte que está nú e está meio sentado, meio agachado em algo que não consigo identificar bem, mas que de alguma forma me remete a uma rede de pesca, este homem parece escrever o nome de "seu senhor": Doutor José da Gama Malcher.

O documentário é uma obra que faz oposição a ficção, tem a pretensão de documentar as coisas tal como elas são, que acontecem sob o risco do real. Um gênero em que se inscreve a partir do que se tem como experimentação da realidade, tem caráter informativo muitas das vezes, bem como uma reportagem por exemplo.



Na direção oposta, estariam aqueles que Bazin denominou cineastas que acreditam na realidade. Estes cineastas, ao contrário dos anteriores, fundariam as proposições de sentido de suas obras em uma recuperação visual da continuidade espaço-temporal que as pessoas experimentam em suas vidas cotidianas. Nessa acepção, "a montagem não adquiriria [] praticamente nenhum papel, a não ser aquele, puramente negativo, de eliminação inevitável em uma realidade demasiadamente abundante" (Bazin, 1985, p. 66). Assim, ao contrário de planos rápidos articulados em contraste, observamos planos mais longos, articulados segundo a percepção de continuidade no espaço e no tempo, fazendo com que a montagem se torne praticamente invisível. Bazin associa a essa perspectiva ainda um outro artifício, agora técnico, que é a utilização de lentes com grande profundidade de campo, o que permite tomadas mais abertas e mais amplas, que dariam ao espectador a sensação de ver na tela imagens com o mesmo ângulo de visão com que enxerga o mundo no qual vive:

[] a profundidade de campo coloca o espectador em uma relação com a imagem mais próxima daquela que ele mantém com a realidade. Seria justo afirmar, portanto, que independentemente do conteúdo mesmo da imagem, sua estrutura é mais realista (*Idem*, p. 75).

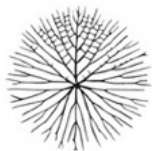
Campina é um documentário que acredita na realidade. Mas para além da realidade também acredita na ficção, acredita que um não vive sem outro e um só se nutre por causa do outro, ficção e realidade são entendidos enquanto uma relação dialética em que um precisa do outro para existir.

Um filme de processo é justamente olhar melhor para a construção dessa imagem e ver qual sujeito se constrói a partir dela, e ainda ter o entendimento de depuração das idéias pelo tempo entre um intervalo e outro de filmagem, exercendo uma interminável repetição da revisão do material.

Nesse sentido este artigo mostra um área de fronteira entre o documentário a ficção e a pesquisa, mostrando que um se nutre do outro.

Metodologia

Sair, fotografar, conversar, entrevistar, observar, se relacionar, analisar, voltar, editar, repetir esse ciclo pro infinitas vezes, não necessariamente na mesma ordem são fundamentais para ir dando escopo a pesquisa. Esses são os verbos que



conduzem essa pesquisa de maneira cíclica. Realizar esses atos repetidas vezes, não necessariamente nessa mesma ordem vão preenchendo, ilustrando, dando lugar, forma, conteúdo à *folha branca* na qual (SAMPAIO, Val. 2016) assinala.

Sim, tenho uma folha branca e limpa à minha espera... E por onde começar? Certezas e dúvidas moldadas no aventurar-se a dizer, em narrar suas experiências com o ato de criar. E saber-se de antemão, ultrapassado pelos seus próprios ditos. Produzir um escrito faz surgir a dimensão de um estranho familiar. Pode-se pensar que a angústia recobre uma certa extensão do ato de escrever. O que escrevo aqui, e agora certamente será remetido à significações futuras que desconheço. O que escrevo agora não quererá dizer a mesma coisa amanhã. O que me é familiar hoje poderá me parecer estranho amanhã. Correndo o risco, desse movimento entre as certezas e as dúvidas, que me colocam diante da aventura de estar diante dessa página em branco...

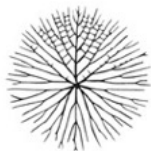
Resultados e discussão

Vejo a criação, como uma espécie de ebulição as idéias que vão se chocando e se confrontando como moléculas e que ao se chocarem se friccionam e geram tensão, as dúvidas e as incertezas que formam essa tensão, portanto são a força geradora e o estímulo ao desenvolvimento daquilo que se pretende.

O ato de criação artística é um ato deflagrador, e de experiências que possibilitam uma compreensão sobre determinado assunto ou coisa, existe um número ínfimo possibilidades, mas que por hora que se organizam e se desorganizam num movimento orgânico e assim vão misturando em uma única forma e por sua vez estruturando um sentido, um caminho, uma maneira de pensar.

Esse estímulo é um ato infinito que move a criação, é o ato de percorrer as incertezas, gerar hipóteses, responder e criar perguntas, elaborar questões, gerar tensões, vislumbrar possibilidade, estabelecer proximidades e visualizar distanciamentos.

O ato de criação é um ato de permanente mutação e portanto um ato transitório de maturação de ideias e de possibilidades que se apresentam e que vão



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

gerando caminhos, diante desses caminhos cabe ao artista estar atento, por que é um território instável, um lugar de fronteira

O transitório é um dos aspectos que envolve a criação artística, também é um ato de devir, onde o que é já passou, do vir a ser. A impermanência é algo contínuo, porque a mudança sempre está no por vir. O ato criador assim como todas as coisas sofrem o efeito da duração.

É necessário o efeito do tempo, posso dizer que o ato criador é como um fruto que a cada dia amadurece mais e mais e que isso só acontece por causa da ação permanente do tempo, o que já foi uma semente, hoje não sei o que é, mas amanhã será um fruto.

Hipóteses são confrontadas, dúvidas são tiradas, ajuste são feitos, novas perspectivas são lançadas, é sempre um ato de reelaboração, sempre provisório por que está na perspectiva do movimento do tempo, e se assim é também está sob o efeito da eterna mudança.

Pesquisar é como um bloco de notas. Um lugar ao qual se irá preencher e portanto acumular conhecimento sobre determinado assunto.

O processo de criação do filme Campina não é diferente, é um filme que nasce com uma porção ínfima de incertezas e da necessidades de se ter uma respostas às essas incertezas e ainda mais, experimentá-las.

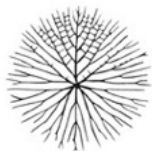
Conclusões

Foi observado uma zona de fronteira que permeiam documentário, ficção e pesquisa, sendo nutrientes umas das outras no processo de criação artística.

Palavras-Chave: Audiovisual, Cinema, Campina, Paisagem, Arte.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES por financiar esta pesquisa.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Referências Bibliográficas

Guzmán, Patrício - Filmar o que não se vê: um modo de fazer documentários / Patricio Guzmán; tradução de José Feres Sabino. - São Paulo: Edições Sesc - São Paulo, 2017.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação em artística. 6 edição. / Cecilia Almeida Salles. Apresentação de Elida Tessler. - São Paulo: Intermeios, 2013.

SAMPAIO, Val. TENHO UMA FOLHA BRANCA...Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Porto Alegre: ANPAP, 2016.